

Irlanda: último bastião do trotskismo europeu

Via [Viento Sur](#)

O trotskismo sempre foi um movimento das margens, e não apenas no sentido de que suas organizações geralmente estiveram à sombra dos grandes batalhões do movimento operário. Nos poucos casos em que os partidos trotskistas desempenharam um papel significativo, muitas vezes ele esteve a alguma distância dos centros regionais de poder: Bolívia e não Brasil, Sri Lanka e não Índia. Talvez seja lógico que a Irlanda seja o último bastião do trotskismo europeu.

No início deste século parecia que as organizações trotskistas poderiam preencher o espaço político deixado vazio pelos partidos comunistas oficiais pró-soviéticos. Na França, os dois principais partidos trotskistas concorreram juntos nas eleições europeias de 1999 e ganharam cinco cadeiras no Parlamento de Estrasburgo. Nas eleições presidenciais de 2002, eles concorreram separadamente e ganharam entre eles 10% dos votos, mais do que o Partido Comunista Francês e os Verdes juntos. No Reino Unido, os trotskistas estiveram no centro de todas as iniciativas eleitorais de esquerda que tentaram competir com o Novo Trabalhismo, bem como no movimento antiguerra iraquiano.

Duas décadas depois, essas experiências são uma memória desbotada. Os partidos de esquerda radicais fizeram alguns avanços notáveis após 2008, mas grupos de extração trotskista só figuravam como parte integrante de formações mais amplas, como Syriza e Podemos, ou na liderança de partidos cuja plataforma pública está distante desta tradição, como o Bloco de Esquerda de Portugal. Na Irlanda, entretanto, a esquerda trotskista conquistou pelo menos cinco cadeiras no Dáil [câmara baixa do parlamento irlandês] em eleições sucessivas

desde 2011. Para colocar isto no contexto, o Sinn Féin, que obteve o maior número de votos nas eleições gerais do ano passado, nunca ganhou mais de cinco assentos antes da Grande Recessão.

Além de um breve agrupamento que foi criado durante a Segunda Guerra Mundial, a história do trotskismo irlandês remonta ao final dos anos 60. Diversos grupos surgiram do meio estudantil de esquerda da época. A Democracia Popular (People's Democracy – PD), que se tornaria a seção oficial da Quarta Internacional, era mais conhecida por seu papel na crise política que irrompeu no norte da Irlanda. Os ativistas da PD foram proeminentes no movimento de direitos civis cujas manifestações desestabilizaram o sistema Stormont. Uma década depois, eles promoveram a ideia de uma ampla campanha em apoio aos prisioneiros republicanos que exigiam status político. Mais tarde, o Sinn Féin aceitou esta proposta durante as greves de fome de 1980-81, com consequências que ainda reverberam até hoje.

A PD sempre foi uma organização pequena, e no final dos anos 80 já havia perdido qualquer influência de que tinha desfrutado no cenário político mais amplo. Nas últimas décadas, o trotskismo irlandês tem sido representado principalmente por dois grupos que, ao contrário da PD, tinham uma base mais forte no sul do que no norte: o Partido Socialista (SP) e o Partido Socialista dos Trabalhadores (SWP). O SP sempre esteve firmemente convencido de que a crise no norte radicalizaria a sociedade irlandesa de ambos os lados da fronteira, mas nem o SP nem o SWP partiram da mesma perspectiva, embora suas análises do conflito do norte e do IRA divergissem radicalmente em outros aspectos. Até recentemente, o impacto eleitoral dos dois grupos tem sido um fenômeno confinado principalmente ao sul da ilha.

O SP e o SWP foram formados como ramos das correntes trotskistas britânicas, liderados por Peter Taaffe e Tony Cliff, respectivamente. Isto levou alguns de seus rivais

irlandeses – especialmente republicanos – a acusá-los de ramificações, de receberem ordens de Londres. Se este foi o caso no passado, certamente não é verdade hoje: os trotskistas irlandeses têm tido muito mais sucesso que seus homólogos britânicos nos últimos anos, e o SP cortou formalmente todas as relações com a Taaffe e seus simpatizantes.

O SP operava como uma corrente entrista dentro do Partido Trabalhista Irlandês, a imagem e semelhança de seu partido irmão britânico, antes de se tornar independente. Sua figura mais conhecida, Joe Higgins, ganhou pela primeira vez um assento no distrito eleitoral de Dublin Ocidental em 1997 e subiu a uma proeminência que não tinha nenhuma relação com o tamanho do partido. Isto se deveu em grande parte a sua oratória única, que combinava o tom de um padre irlandês – Higgins estava estudando em um seminário católico americano quando descobriu o marxismo – com o de um comediante. Higgins muitas vezes colocou no bolso pessoas que não concordavam com suas posições políticas e ganhou respeito como o único político da oposição que poderia enfurecer o normalmente destemido líder do Fianna Fáil, Bertie Ahern, no auge do Tigre Celta.

O sucesso de Higgins levou seu partido e o SWP a dedicar considerável energia à política eleitoral, embora não tenha sido até 2011 que eles conseguiram conquistar quaisquer assentos adicionais no Dáil. O sistema político irlandês é talvez o mais favorável aos pequenos partidos e candidatos independentes na Europa: cada circunscrição eleitoral tem múltiplos assentos com votos preferenciais, e não há um limite mínimo de votos nacionais que um partido deve passar para entrar no parlamento. Higgins tinha ficado conhecido inicialmente no oeste de Dublin por sua luta contra as taxas da água, e a próxima onda de protestos nos bairros da classe trabalhadora foi dirigida contra as taxas de coleta de lixo no início dos anos 2000.

A crítica socialista a estes encargos foi dupla: eles

constituíram uma forma de dupla tributação desigual e ajudaram a capitalizar o serviço para a privatização. Vários destacados ativistas de esquerda, incluindo Higgins, foram presos por participarem de manifestações contra as taxas do lixo em 2003. Os funcionários da prefeitura de Dublin procederam à privatização dos serviços de coleta de resíduos, como os oponentes haviam previsto. Grotescamente, os partidos de centro-esquerda irlandeses afirmaram que isso só aconteceu por causa da campanha de protesto.

O grande salto veio em 2011, quando as primeiras eleições gerais após o crash financeiro trouxeram um enorme crescimento no apoio à ampla esquerda. A candidatura da United Left Alliance (ULA) ganhou cinco assentos, quatro na capital e um em Tipperary. A ULA foi composta de vários componentes e, embora os detalhes mais específicos possam parecer obscuros, examiná-los brevemente pode ajudar a esclarecer algumas das questões mais amplas.

Três grupos se reuniram para formar a ULA. O primeiro foi o Partido Socialista, que acrescentou Clare Daly à sua coligação parlamentar naquele ano, juntamente com Higgins, que recuperou o lugar que havia perdido em 2007. O segundo foi People Before Profit (PBP), uma aliança criada pelo SWP para a mobilização. Um dos deputados do PBP eleito em 2011, Richard Boyd Barrett, foi um ativista de longa data do SWP; o segundo deputado do PBP, Joan Collins, nunca havia sido membro do partido. O terceiro componente da ULA foi o Grupo de Ação Trabalhadores e Desempregados (WUAG). Este grupo só teve uma presença significativa em South Tipperary, onde seu líder, Séamus Healy, havia conquistado uma cadeira parlamentar pela primeira vez em 2000 e a reconquistou em 2011.

A circunscrição eleitoral, agora emendada, cobria a parte sul do condado, uma das maiores da Irlanda, embora não incluía cidades. A maior cidade, Clonmel, tem uma população de 17.000 habitantes e uma longa tradição sindical do início do século 20: James Connolly e Jim Larkin fundaram lá o Partido

Trabalhista em 1912. A capacidade da WUAG de manter uma forte demonstração nas sucessivas eleições locais e nacionais sugere que a concentração geográfica da esquerda radical em Dublin, Cork e outras cidades é mais sobre a oferta do que sobre a demanda. Nos centros urbanos maiores, os grupos marxistas têm maior probabilidade de ter uma massa crítica de ativistas que podem ser mobilizados para uma campanha eleitoral.

Após o sucesso inicial da ULA, veio um período de fragmentação que sem dúvida teria sido fatal se o sistema eleitoral não tivesse sido tão favorável. Os três grupos fundadores se dividiram após alguns anos. A SP criou sua própria frente de mobilização, a Aliança Anti-Austeridade (AAA), que mudou seu nome para Solidarietà em 2017. O PBP seguiu o exemplo, enquanto dois deputados da antiga ULA – Clare Daly e Joan Collins – criaram outra organização chamada Independents 4 Change.

Estas idas e vindas eram água para o moinho dos correspondentes políticos irlandeses, a maioria dos quais está aborrecida por ter que escrever sobre pequenos partidos trotskistas e aproveitar todas as oportunidades para citar A Vida de Brian, de Monty Python. Mesmo os observadores menos tendenciosos devem ter achado este desenvolvimento intrigante, mas tanto o PBP quanto o AAA ainda conseguiram ganhar seis assentos, com 4% dos votos, em 2016, uma clara melhoria em relação ao resultado da ULA em 2011. O principal fator subjacente foi um aumento da mobilização popular entre as duas eleições, especialmente a campanha contra as tarifas da água, que se tornou um verdadeiro movimento de massa, em um nível muito mais elevado do que as manifestações dos anos 90 e 2000.

A esquerda trotskista desempenhou um papel importante nesse movimento, apoiando o pedido de não pagamento de taxas em um momento em que o Sinn Féin se desvinculou de tais táticas. Em outubro de 2014, o candidato da ASA Paul Murphy venceu uma importante eleição parcial no Sudoeste de Dublin, que a imprensa considerou totalmente segura para o Sinn Féin, em

grande parte porque seu partido empurrou uma linha mais combativa nas taxas da água. O establishment político irlandês montou uma campanha contra Murphy e seus camaradas depois de apoiar uma concentração contra um ministro do governo que visitou o distrito eleitoral logo após as eleições parciais. As acusações de detenção ilegal totalmente descabidas contra eles bateram na parede em um julgamento do júri de 2017, no qual o júri não deu crédito ao testemunho da polícia, contradito por provas em vídeo fornecidas pela defesa.

Não é possível quantificar o custo de oportunidade das divisões da esquerda radical irlandesa, mas ele deve ter sido significativo. A fragmentação do antigo sistema partidário deu origem a uma paisagem política diversificada na qual a posse de uma identidade clara é um bem valioso. Após as eleições locais e europeias de 2019, o vento parecia soprar contra o Sinn Féin e a esquerda radical. Tanto o Sinn Féin quanto a aliança Solidariedade-PBP perderam mais da metade das cadeiras municipais. Com a perspectiva de uma eleição geral dentro de alguns meses, parecia que os partidos trotskistas iriam perder toda sua presença parlamentar, enquanto seus rivais republicanos seriam marginalizados.

As eleições de fevereiro de 2020, realizadas pouco antes do surto da pandemia da Covid-19, desmentiram completamente estas previsões. O Sinn Féin foi o partido mais votado, com 24,5% dos votos. Nas pesquisas de opinião realizadas desde a eleição, o partido compete com o Fine Gael, conservador e firmemente anti-republicano, para o primeiro lugar. A participação média do Sinn Féin nos votos é pouco superior a 29%. Tudo indica que as próximas eleições gerais serão uma das mais próximas da história do Estado, em uma situação em que a sociedade está sofrendo uma grave crise habitacional e as consequências econômicas da pandemia.

A sobrevivência da esquerda marxista foi uma questão secundária nestas eleições: Solidariedade-PBP manteve seus seis assentos e conseguiu sobreviver. Entretanto, em todos

esses círculos, exceto em um deles, o Sinn Féin poderia facilmente ter tirado o lugar deles se eles tivessem apresentado um candidato adicional. A ascensão do Sinn Féin foi tão rápida e inesperada que sua falta de previsão na formação de candidatos significou que o número de assentos que ganhou foi menor do que seu peso político real.

Da próxima vez, o Sinn Féin não cometerá o mesmo erro. O partido está ansioso para ganhar lugares em todos os lugares, é claro, mas retirando-os da corrente trotskista terá a vantagem adicional de colocar um rival em seu flanco esquerdo fora de jogo. Precisamente por esta razão, seria uma grande pena para a esquerda irlandesa mais ampla se os grupos socialistas ficassem sem cadeiras nas próximas eleições nacionais. Por mais imperfeita que seja sua abordagem da política, eles deram uma contribuição real desde que entraram para as instituições. Em particular, eles foram os únicos partidos com representação nacional que se alinharam com os maiores movimentos sociais da década pós-crise: a campanha das taxas da água e a luta pelo direito ao aborto. Em ambas as questões, o Sinn Féin ficou muito para trás.

Certamente não há nenhuma chance no futuro previsível de que os partidos trotskistas ameacem a posição dominante do Sinn Féin à esquerda do espectro político, mas a existência de uma força rival, por menor que seja, pode ajudar a evitar uma mudança para a direita pelo partido. O Sinn Féin tem agora menos probabilidade de entrar numa coalizão como parceiro júnior do Fianna Fáil ou Fine Gael, como parecia provável há alguns anos: o objetivo do partido é liderar o governo. Entretanto, tomar posse a partir de uma posição de força não é garantia contra a assimilação, como demonstrou o exemplo de Syriza.

O People Before Profit agora também se distingue como o único partido além do Sinn Féin a ter representantes eleitos em ambos os lados da fronteira irlandesa. Apoiou fortemente o chamado para um referendo sobre a unidade irlandesa e pretende

fazer campanha por um voto no Sim se este for realizado. A dinâmica da competição política na Irlanda do Norte é bem diferente de outras partes e merece um artigo à parte: não é por nada que o Sinn Féin aparece lá como um partido governante, embora em circunstâncias muito particulares, e não como a principal força de oposição. Mas a existência de uma organização socialista com presença em toda a Irlanda, por menor que seja, é um fator de alguma importância quando é provável que o status quo constitucional venha a sofrer pressão crescente nos próximos anos.

A experiência irlandesa tem alguma lição mais ampla? Talvez mostre o futuro que provavelmente aguarda o trotskismo, em todo caso: como um afluente de um movimento de esquerda revitalizado, em vez do rio apressado que seu fundador esperava que se tornasse.